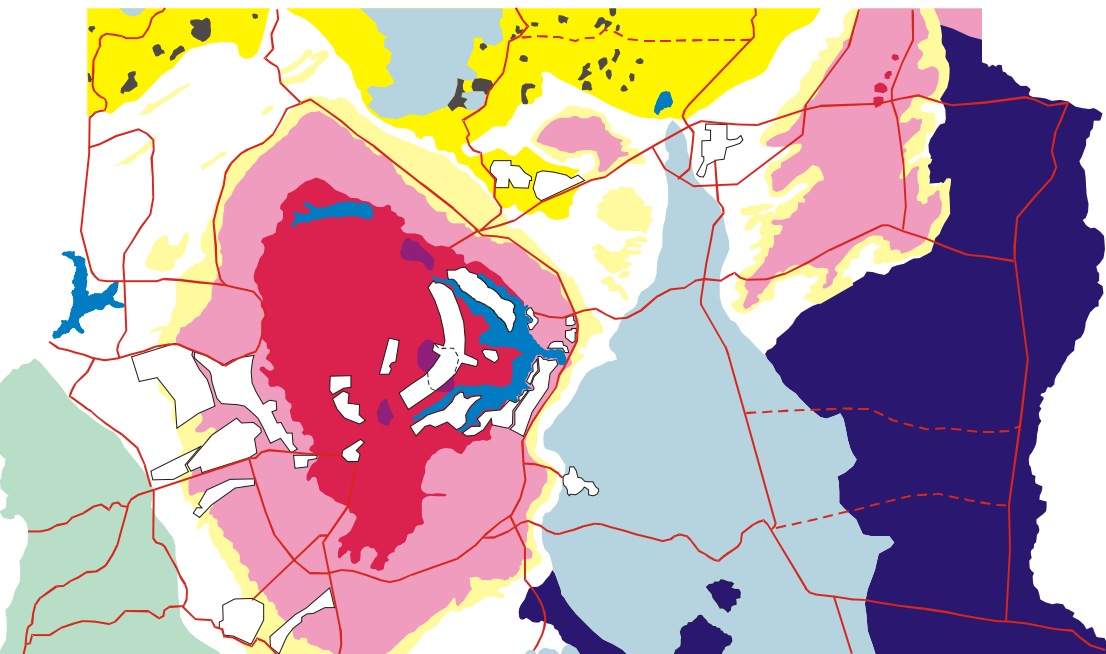


**Geologia da Margem Direita do
Córrego Divisa - Bacia do São
Bartolomeu-DF - escala
1:10.000**





*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Cerrados
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1676-918X

Dezembro, 2002

Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 58

Geologia da Margem Direita do Córrego Divisa, Bacia do São Bartolomeu-DF, escala 1:10.000

Éder de Souza Martins
Adriana Reatto
Marcus Fábio Ribeiro Farias
Angelo Valverde da Silva
Gabriela L. F. Bloise
Expedito Alves Cardoso

Planaltina, DF
2002

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Cerrados

BR 020, Km 18, Rod. Brasília/Fortaleza

Caixa Postal 08223

CEP 73301-970 Planaltina - DF

Fone: (61) 3388-9898

Fax: (61) 3388-9879

<http://www.cpac.embrapa.br>

sac@cpac.embrapa.br

Supervisão editorial: *Nilda Maria da Cunha Sette*

Revisão de texto: *Maria Helena Gonçalves Teixeira*

Normalização bibliográfica: *Shirley da Luz Soares*

Rosângela Lacerda de Castro

Capa: *Jussara Flores de Oliveira*

Edição eletrônica: *Jussara Flores de Oliveira*

Impressão e acabamento: *Divino Batista de Souza /*

Jaime Arbués Carneiro

1ª edição

1ª impressão (2002): tiragem 100 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

CIP-Brasil. Catalogação na publicação.

Embrapa Cerrados.

G345 Geologia da margem direita do Córrego Divisa, Bacia do São
Bartolomeu-DF, escala 1:10.000 / Éder de Souza
Martins ... [et al.]. – Planaltina, DF : Embrapa Cerrados, 2002.

21 p. — (Boletim de pesquisa e desenvolvimento / Embrapa
Cerrados, ISSN 1676-918X ; n. 58)

1. Geologia. 2. Córrego Divisa. I. Martins, Éder de Souza.
II. Série.

551 - CDD 21

Sumário

Resumo	5
Abstract	6
Introdução	7
Características fisiográficas e clima atual	7
Geomorfologia do Distrito Federal	11
Solos do Distrito Federal	11
Caracterização geológica do Distrito Federal	11
Grupo Canastra	14
Material e Métodos	15
Fotointerpretação	15
Levantamento de campo e confecção do mapa	16
Resultados e Discussão	16
Conclusões	18
Referências Bibliográficas	19

Geologia da Margem Direita do Córrego Divisa, Bacia do São Bartolomeu-DF, escala 1:10.000

Éder de Souza Martins¹; Adriana Reatto²; Marcus Fábio Ribeiro Farias³; Angelo Valverde da Silva³; Gabriela L. F. Bloise⁴; Expedito Alves Cardoso⁵

Resumo – Este trabalho apresenta os dados cartográficos de geologia da margem direita do Córrego Divisa, Bacia do São Bartolomeu, DF. Foram caracterizadas três unidades de mapeamento, Quartzo sericita filito, calcifilito correlacionáveis à Formação Serra do Landim do Grupo Canastra, de idade Meso/Neoproterozóica. A área estudada está num contexto de um domo anticlinal, com eixo N30E mais alongado que o eixo N60W. Os flancos NW e SE apresentam mergulho dominante para SE, caracterizando uma vergência local oposta ao Cráton do São Francisco. Isto se deve ao posicionamento estrutural da área de estudo no interior do sinclínio do São Bartolomeu, próximo ao eixo deste. Observa-se a presença de veios de quartzo na forma de *boudins*, geralmente centimétricos a decimétricos. Na porção oeste da área, foi caracterizada uma zona de veios de quartzo, com 100 metros de espessura aparente, de direção N15E que pode constituir um contato por falha, possivelmente, de empurrão. A unidade Sedimento Aluvionar ocorre na planície aluvionar do Rio São Bartolomeu onde se desenvolve Latossolo Vermelho-Amarelo (LVAd3). Apresenta espessura de até 3 m e textura média.

Termos para indexação: bacia hidrográfica, grupo canastra, filito, calcifilito, sedimento aluvionar.

¹ Geól., Dr., Embrapa Cerrados, eder@cpac.embrapa.br;

² Eng. Agrôn., M.Sc., Embrapa Cerrados, reatto@cpac.embrapa.br;

³ Estudante Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Formosa, GO

⁴ Estudante Pós-graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Departamento de Geografia

⁵ Estudante Pós-graduação em Solos, Universidade Federal da Bahia, Departamento de Solos

Geology of the Divisa Stream Right Margin, Basin of São Bartolomeu-DF, scale 1:10.000

Abstract – *This work presents the geology cartographic data of the right margin of the Stream Divisa, basin of São Bartolomeu, DF. Three mapping units were characterized, Quartz sericite phyllite, Calciphyllite correlated to the Formation Serra do Landim of Group Canastra, of age Neoproterozoic. The studied area is in a context of an anticlinal dome, with axis more prolonged N30E than the axis N60W. The flanks NW and SE of the dome they present dominant dip for SE, characterizing a local vergence opposed to São Francisco Craton. This is due to the structural positioning of the study area inside São Bartolomeu's synclinal, close to the axis of this. The presence of quartz veins is observed in the boudins form, usually centimetric to decimetric. In the portion west of the area a quartz vein zone was characterized, with 100 meters of apparent thickness, of direction N15E, that can constitute a contact for fault, possibly of push. The unit Sedimento Aluvionar happens in the river São Bartolomeu alluvionar plain, where it grows Latossolo Vermelho Amarelo (LVAd3). It presents thickness of until 3 m and medium texture.*

Index terms: hydrographic basin, group canastra, phyllite, calciphyllite, alluvionar deposit.

Introdução

A superfície terrestre apresenta, numa determinada escala, conjuntos homogêneos que podem ser considerados como unidades de paisagem, decorrentes da interação entre a litosfera, biosfera, hidrosfera, atmosfera e a pedosfera ([JUMA, 1999; MARTINS, 2000](#)).

O envolvimento coordenado e integrado de conhecimentos sobre o clima, solo, geologia, geomorfologia, vegetação e as formas de exploração são fundamentais para o planejamento do uso sustentável dos recursos naturais ([VFLDKAMP et al., 2001](#)).

No Brasil, a principal limitação é a baixa quantidade de informações cartográficas de recursos naturais em escala de paisagem (1:100.000 ou maior). Em relação à cartografia geológica, por exemplo, estão disponíveis apenas os resultados do Projeto RADAMBRASIL, em escala 1:1.000.000, sendo muito restritos mapas em escala mais detalhada. O DF é mapeado na escala 1:100.000 ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

A inexistência de uma política de levantamentos sistemáticos de recursos naturais obriga o desenvolvimento de modelos mais robustos e simplificados de caracterização ambiental. Esses modelos dependem de uma série de informações básicas que podem ser obtidas de mapas temáticos (relevo, geologia, vegetação, solos, entre outros).

Entre os fatores ambientais, as rochas podem ser consideradas a base dos sistemas naturais e, nas condições do Bioma Cerrado, como fator passivo que condiciona os outros, especialmente pela organização litoestrutural ([MARTINS et al., 2001](#)).

O objetivo do presente estudo foi de caracterizar e mapear a geologia da margem direita do Córrego Divisa na Bacia do São Bartolomeu, em escala de 1:10.000.

Características fisiográficas e clima atual

O Distrito Federal (DF) localiza-se no Planalto Central do Brasil ([Figura 1](#)), compreendendo área de 5814 km², limitando-se ao norte pelo paralelo de 15°30' latitude Sul, a leste pelo Rio Preto, ao sul pelo paralelo de 16°03' de

latitude Sul e oeste pelo Rio Descoberto. A região é drenada por rios que pertencem a três das mais importantes bacias fluviais da América do Sul: a Bacia do Paraná (Rio Descoberto, Rio São Bartolomeu), Bacia do São Francisco (Rio Preto) e Bacia do Tocantins (Rio Maranhão).

A Bacia do Rio São Bartolomeu, onde a área de estudo se insere, tem suas nascentes no Distrito Federal e suas águas fluem no sentido NS.

Encontram-se, na área, todos os tipos de vegetação comumente englobados sob o termo Cerrado, desde árvores de porte elevado até ervas esparsas, formando um mosaico com a vegetação de Matas Galerias em torno das drenagens ([EITEN, 1994](#)).

Na área de estudo, ocorrem as seguintes fitofisionomias: Cerrado Sentido Restrito sob Cambissolo em relevo plano; Campo Limpo e Campo Sujo sob Cambissolo em relevo ondulado; Cerradão sob Latossolo; no vale do São Bartolomeu ocorre Mata Ciliar e, no Córrego Divisa, Mata de Galeria sob solos Hidromórficos, Aluviais e Latossolo ([REATTO et al., 2002](#)).

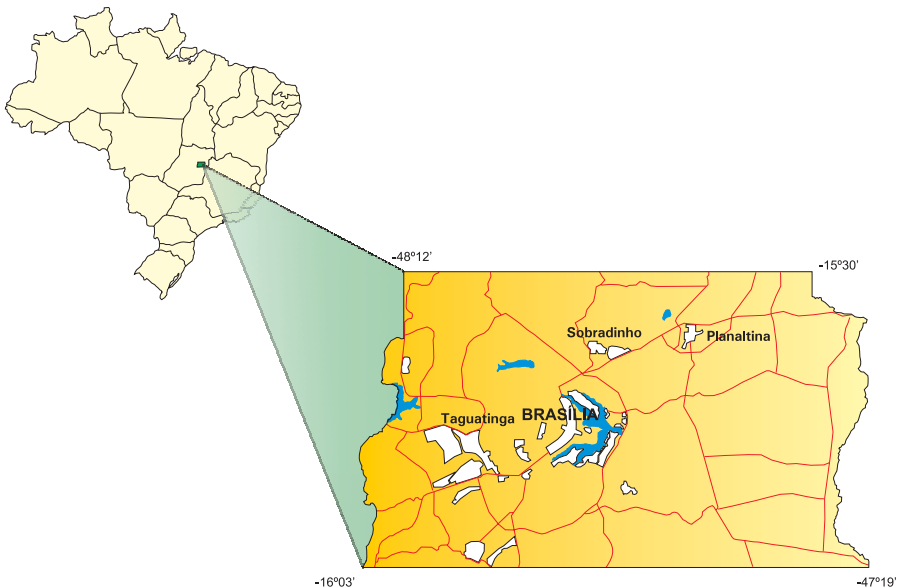


Figura 1. Localização do Distrito Federal.

Fonte: [Baptista \(1999\)](#).

De acordo com a classificação de Köppen, o clima do Distrito Federal é tropical com a concentração da precipitação pluviométrica no período de verão. Os meses mais chuvosos são novembro, dezembro e janeiro, e a época seca ocorre nos meses de inverno, ou seja, de junho a agosto.

Na área de estudo, não foram colhidas informações climáticas, mas, de acordo com as características gerais é do tipo Tropical (Aw), conforme Köppen ([CODEPLAN, 1984](#)). Essas condições indicam que a temperatura do mês mais frio é superior a 18 °C.

Do ponto de vista da climatologia dinâmica, levando-se em conta a sua localização continental e as características da circulação atmosférica, pode-se dizer que o regime sazonal do clima na região do DF é controlado por massas de ar provenientes da zona tropical (Anticiclone Semifixo do Atlântico Sul) com ventos da componente Nordeste a Este, responsáveis pelo tempo bom no inverno ([BAPTISTA, 1999](#)). Essa condição é favorecida pela existência de subsidência e conseqüente inversão térmica em suas camadas superiores. No verão, geralmente os ventos vêm do quadrante Norte de pequenas altitudes ou dorsais, formadas sobre o continente, que propiciam condições de estabilidade e tempo bom. Mudanças bruscas nessas condições ocorrem geralmente com a chegada de sistemas de circulação ou correntes perturbadas provenientes do Oeste e Noroeste (final da primavera e início de verão) cujos ventos provocam chuvas e trovoadas. Há também a influência do sistema de corrente perturbada de Sul, representado pelas invasões do Anticiclone Polar, causador de chuvas frontais com duração média de um a três dias ([BAPTISTA, 1999](#)).

Segundo [Embrapa \(1978\)](#), as precipitações na região estão em torno de 1600 mm, alcançando, em janeiro, seu maior índice pluviométrico (320 mm/mês) e durante os meses de junho, julho e agosto, chegando à média mensal total de 50 mm.

Em relação à umidade relativa do ar, durante os meses de janeiro a abril, os valores flutuam em torno de 75%. Em agosto, atinge média mínima de 30%, porém, durante alguns dias, pode alcançar valores de até 11%.

A área de estudo localiza-se na Sub-bacia do Córrego Divisa, à margem direita do Rio São Bartolomeu, no interior da APA do São Bartolomeu ([Figura 2](#)).

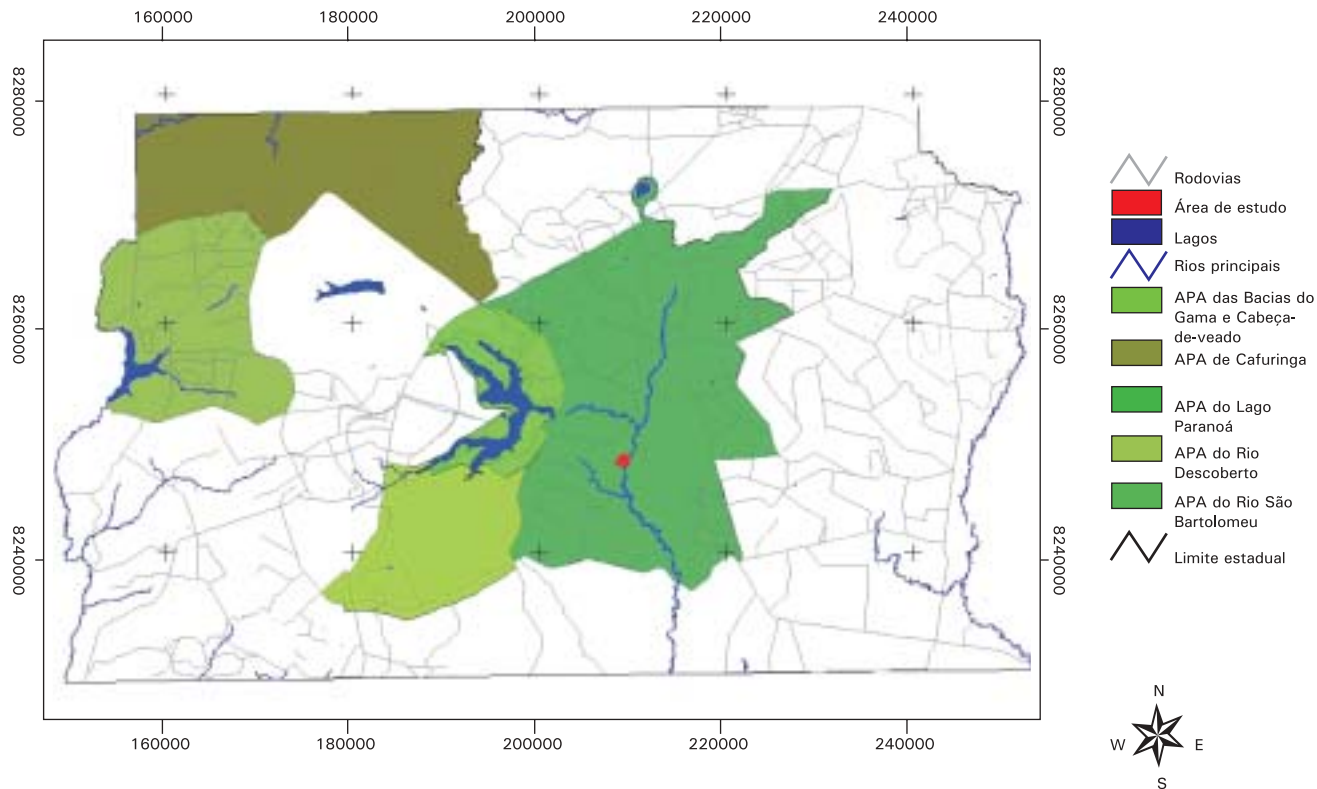


Figura 2. Mapa de localização da área de estudo.

Fonte: [Inventário... \(1998\)](#).

Geomorfologia do Distrito Federal

Os aspectos geomorfológicos são discutidos em [Martins et al. \(2002\)](#). A área de estudo está incluída na Unidade Curso Superior do Rio São Bartolomeu (C10) descrita por [Pinto \(1994\)](#). [Martins et al. \(2002b\)](#) descrevem cinco compartimentos geomorfológicos. O compartimento I relaciona-se com o topo convexo em relevo plano; o II, com vertentes convexo-côncavas em relevo ondulado; o III, com vertentes convexas em relevo plano; o IV relaciona-se com base convexa em relevo plano a suave-ondulado; o V, com planície em relevo plano.

Solos do Distrito Federal

Os aspectos pedológicos são discutidos em [Reatto et al. \(2002\)](#). A região de estudo ocorre no domínio de Cambissolos, associados a Latossolos e Neossolos Litólicos. A predominância de solos pouco desenvolvidos é típica na região em relevo movimentado.

Caracterização geológica do Distrito Federal

A região do DF está localizada no setor oriental da Província Estrutural do Tocantins, mais especificamente, situada na porção centro sul da Faixa de Dobramentos Brasília ([MARINI et al., 1981](#); [ALMEIDA; HASUI 1984](#)). De acordo com esses autores, a estruturação Brasileira é representada principalmente por dobras isoclinais a recumbentes, lineares, com foliação de transposição, falhamentos inversos, cavalgamentos, transcorrências e, no final do ciclo, uma tectônica distensiva. Todas essas estruturas mostram marcada vergência para Leste, em direção ao Cráton do São Francisco. A geologia da região é composta de rochas metassedimentares do Grupo Canastra, Paranoá, Araxá e Bambuí ([Figura 3](#)).

O Grupo Paranoá é considerado de idade Meso/Neoproterozóica, sendo composto de rochas metapsamo-pelíticas e carbonatadas, estudadas por [Faria \(1995\)](#) na região de São João da Aliança/Alto Paraíso de Goiás. No DF são separadas em seis unidades correlacionáveis da base para o topo com as unidas S, A, R3, Q3, R4 E PC das áreas-tipo.

O Grupo Canastra, que ocorre na área de estudo, é datado como de idade Meso/Neoproterozóica, sendo subdividido nas formações Serra do Landin, Paracatu e Serra dos Pilões ([FREITAS-SILVA; DARDENNE, 1993](#)). No DF é constituído principalmente por clorita e sericita filitos e subordinadamente calcifilitos, filitos carbonosos, quartzitos e mármores finos correlacionáveis com as formações Serra do Landin e Paracatu ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

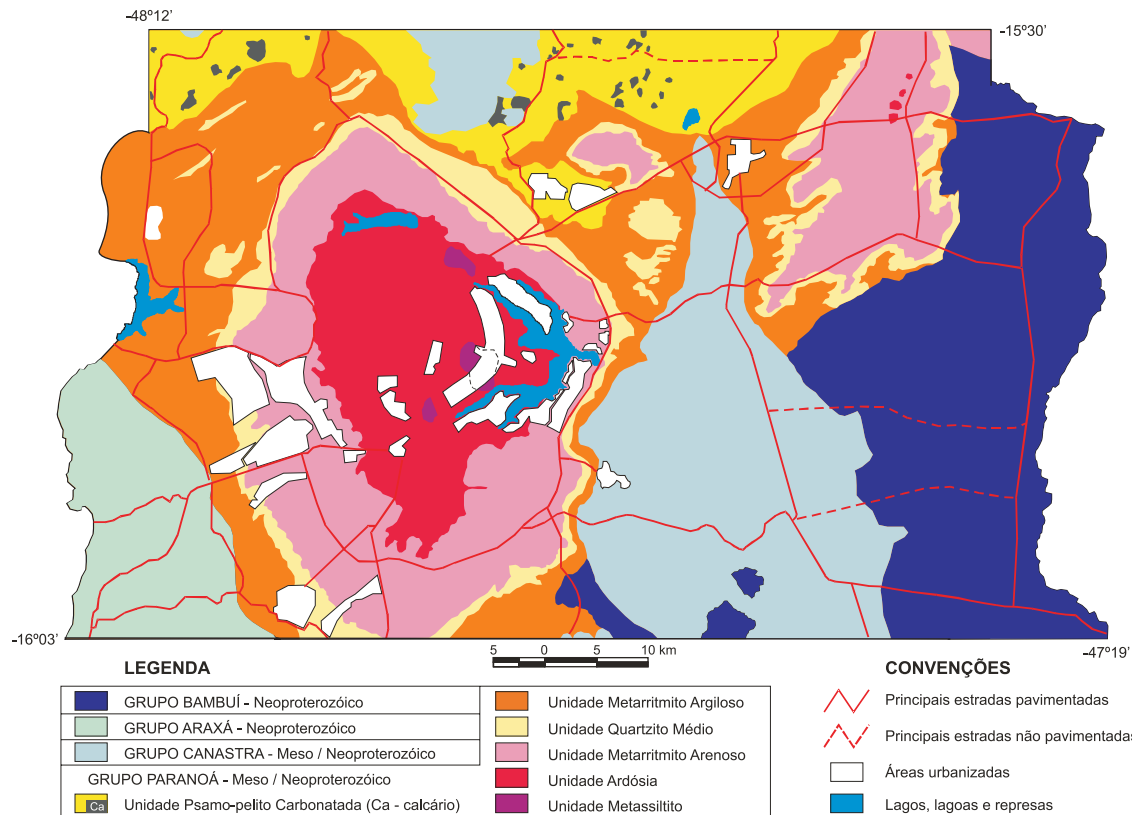


Figura 3. Mapa Geológico do Distrito Federal.

Fonte: [Freitas-Silva e Campos \(1999\)](#).

O Grupo Araxá foi datado como Neoproterozóico ([PIMENTEL et al., 1993](#)), sendo no DF, representado por moscovita xistos, clorita-quartzo xistos, muscovita-granada xistos e raras lentes de quartzitos micáceos.

O Grupo Bambuí foi extensivamente estudado por [Dardenne \(1978\)](#), sendo considerado de idade Neoproterozóica e constituído por uma seqüência pelito-carbonatada-arcoseana, dividida da base para o topo nas formações Jequitaiá, Sete Lagoas, Serra da Saudade, Lagoa do Jacaré e Três Marias. No DF é representado por metassiltitos, metassiltitos argilosos, metargilitos e raras intercalações de arcóseos, correlacionáveis ao topo da Formação Serra da Saudade e à base da Formação Três Marias ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

Os contatos entre as várias unidades são tectônicos e representados por cavalgamentos regionais com vergência para o Cráton do São Francisco, desenvolvidos durante a evolução do Ciclo Brasileiro. Os sistemas de empurrão invertem a estratigrafia regional e foram denominados de Sistema do Paraná (sobrepe o Grupo Paranoá sobre o Grupo Bambuí), Sistema Bartolomeu/ Maranhão (coloca o Grupo Canastra sobre os Grupos Paranoá e Bambuí) e Sistema Descoberto (desloca o Grupo Araxá sobre o Grupo Paranoá ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

As megaestruturas observadas no DF denunciam dobramentos no estilo domos e bacias (caixa de ovo) onde se observa um alongamento maior do eixo NS em relação ao EW, evidenciando um padrão de interferência de esforços nessas direções, sendo a mais importante a EW, com vergência para o Cráton do São Francisco. Essas megaestruturas são associadas à última fase do Ciclo Brasileiro¹.

Os lineamentos marcados pelas linhas de drenagem e cristas evidenciam um padrão de cisalhamento conjugado N45W e N45E associados à compressão de Oeste para Leste. Os lineamentos próximos de NS e EW podem ser interpretados como fraturas de extensão e dilacionais respectivamente. Essa organização dos lineamentos são típicos de toda a Faixa Brasília¹.

Será dada ênfase na descrição das rochas do Grupo Canastra que ocorrem no contexto regional da área de estudo.

¹ Comunicação oral de Flávio Henrique Freitas-Silva ao autor em 1997.

Grupo Canastra

O Grupo Canastra ocupa cerca de 15% da superfície do Distrito Federal. Apresentando, de maneira geral, maior densidade de afloramentos quando comparado ao Grupo Paranoá. Está distribuído no Alto Vale do Rio São Bartolomeu (porção centro-leste do DF) e no Vale do Rio Maranhão incluindo as Sub-bacias do Rio Salinas e Córrego do Ouro (porção meio-norte do DF) ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

Devido ao metamorfismo, à deformação e à escala do trabalho, não é possível propor um empilhamento estratigráfico para essa unidade, contudo, as rochas do Grupo Canastra, presentes no Distrito Federal são correlacionáveis, em parte, à Formação Serra do Landim e em parte à Formação Paracatu, possivelmente incluindo termos litológicos dos membros Morro do Ouro e Serra da Anta. Em função dos afloramentos estudados, é nítido que as rochas atribuídas à Formação Serra do Landim dominam em área, enquanto as litologias da Formação Paracatu são mais restritas ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

No Distrito Federal, essa unidade é caracterizada por um conjunto amplamente dominado por filitos variados com contribuição restrita de quartzitos, calcifilitos, mármores finos e filitos carbonosos. Em função de diferenças estruturais e litológicas, serão descritas separadamente as ocorrências do Vale do Rio São Bartolomeu e do Vale do Rio Maranhão ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

Na região do vale do São Bartolomeu, no contexto da área estudada, o Grupo Canastra é representado por um conjunto de sericita filitos, clorita filitos, quartzo-sericita-clorita filitos, metarritmitos e filitos carbonosos. De forma restrita e descontínua, ocorrem delgados níveis (centimétricos a decamétricos) de quartzitos finos e micáceos ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

Os afloramentos, em sua maior parte, são bastante intemperizados, mas nos raros locais onde a alteração é mais tênue pode-se observar que os filitos são bandados com níveis mais claros, ricos em mica branca, carbonato e quartzo e níveis mais escuros, enriquecidos em clorita ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

Os dados levantados por [Freitas-Silva e Campos \(1999\)](#) não permitem a individualização cartográfica desses vários tipos petrográficos, na escala 1:100.000, tendo sido mapeados dentro da mesma unidade.

Essas rochas geralmente são observadas em afloramentos com alterações de cores de esbranquiçadas e rosadas a avermelhadas. Nas fácies mais quartzosas, o quartzo fica ressaltado nos cortes de estradas em função da alteração dos filossilicatos ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)). Estes autores reportam que os *boudins* de quartzo sobressaem nas superfícies alteradas.

Estes autores demonstraram a presença de rochas carbonáticas em vários poços tubulares profundos na forma de lentes representadas por mármore calcítico, finos, cinza-claro a escuro e maciços. Esses mármore foram especialmente bem delimitados sob o espesso manto de intemperismo na região de São Sebastião.

A relação de contato interpretada pelas amostras dos poços indica que as lentes são interdigitadas com os filitos.

Os filitos apresentam duas foliações penetrativas marcadas pelos filossilicatos que caracterizam uma xistosidade fina. Essas foliações fazem um pequeno ângulo entre si e, na maior parte dos casos, materializam planos de alto mergulho comumente superiores a 65° ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

Material e Métodos

No mapeamento geológico foram executadas as seguintes etapas: fotointerpretação, levantamento de campo, confecção do mapa final.

O material básico de geologia foi o mapa geológico do Distrito Federal na escala 1:100.000 ([FREITAS-SILVA; CAMPOS, 1999](#)).

Fotointerpretação

Foi utilizada como base cartográfica, a carta da CODEPLAN nº 156, em escala 1:10.000, de 1992. Para a entrada das unidades de mapeamento, foi utilizado um *overlay* resultante da fotointerpretação (fotos 462 e 463, vôo 1991, escala aproximada 1:30.000). Procedeu-se ao reconhecimento dos aspectos fisiográficos, servindo-se da interpretação dos padrões texturais de tonalidade e de forma. Um mapa geomorfológico preliminar foi produzido como base para o levantamento de campo.

Levantamento de campo e confecção do mapa

As unidades geológicas e seus limites, definidos na fotointerpretação, foram ajustados no levantamento de campo. Realizaram-se transectos e, observações com pequenos intervalos que permitiram visualizar o comportamento das camadas geológicas e sua relação com a paisagem.

No sistema SGI/INPE, digitalizaram-se: o limite da área, a hidrografia, o sistema viário, as curvas de nível e a malha de coordenadas. A base planialtimétrica resultante foi plotada em escala 1:10.000, a fim de adequá-la às fotos aéreas e ajustar a interpretação preliminar. Demarcaram-se então, as unidades de mapeamento. Essas unidades foram digitalizadas empregando o sistema geográfico citado, além do GeoEdit/GEOTEC v.1.0, e transformadas em polígonos. Para o cálculo das respectivas áreas, o arquivo em formato vetorial foi exportado e convertido para o formato *raster* (matriz de células) dentro do sistema Idrisi. Com a finalidade de melhorar a qualidade de impressão, o mapa preliminar de solos foi exportado e editado em um sistema gráfico comercial, acrescentando os elementos planialtimétricos anteriormente digitalizados. O resultado final foi a confecção de um mapa em escala 1:10.000, contendo as unidades de mapeamento geológicas da área, as respectivas áreas, a hidrografia e a malha de coordenadas.

Resultados e Discussão

Foram caracterizadas três unidades de mapeamento: Quartzo sericita filito; Calcifilito correlacionáveis à Formação Serra do Landim, de idade Meso/Neoproterozóico, conforme Freitas-Silva e Campos (1999); e Sedimento Aluvionar, formado durante o Quaternário ([Figura 4](#)).

A unidade Quartzo sericita filito é bem caracterizada na área de estudo onde foram observadas em afloramentos e associados a cambissolos.

Ocorrem nessa unidade, intemperizados, na forma de saprólitos pouco espessos de, no máximo, 20 metros.

Foi possível caracterizar as foliações e as características mineralógicas gerais. Essa unidade é composta predominantemente de sericita e subsidiariamente de quartzo. Observam-se veios de quartzo na forma de *boudins*, geralmente, centimétricos a decimétricos. Na porção oeste da área, foi caracterizada uma zona de veios de quartzo, com 100 metros de espessura aparente, de direção N15E, que pode constituir um contato por falha, possivelmente, de empurrão.

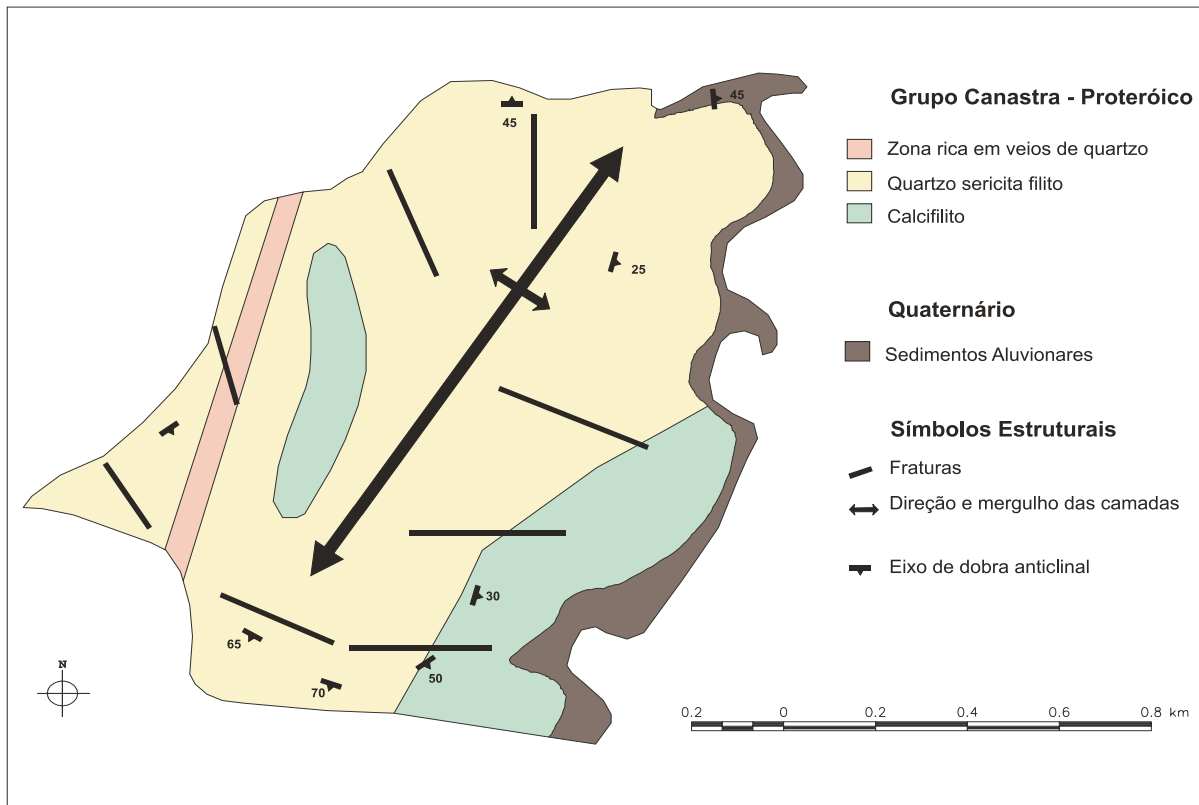


Figura 4. Mapa geológico da margem direita do Córrego Divisa, Bacia do São Bartolomeu, DF.

Fonte: [Martins \(2002\)](#).

A unidade Calcifilito foi inferida pela presença de zonas com Latossolo Vermelho. Os contatos entre as unidades de Cambissolo e Latossolo são bruscos, sendo que o intemperismo químico de calcifilito gera solos profundos e hematíticos. [Freitas-Silva e Campos \(1999\)](#) indicam que as lentes de calcifilitos são subsidiárias e difíceis de serem caracterizadas em superfície.

Estruturalmente, a área é caracterizada por um domo anticlinal com eixo N30E mais alongado que o eixo N60W. Os flancos NW e SE do domo apresentam mergulho dominante para SE, caracterizando uma vergência local oposta ao Cráton do São Francisco. Isto se deve ao posicionamento estrutural da área de estudo no interior do sinclinório do São Bartolomeu, próximo ao eixo deste.

As fraturas identificadas na área apresentam-se radialmente ao domo estrutural, como inferidas pela rede de drenagem da área ([Figura 4](#)). A foliação dominante apresenta direção N30E, com mergulhos variáveis, mas, geralmente, maiores que 25°.

A unidade Sedimento Aluvionar ocorre na planície aluvionar do Rio São Bartolomeu onde se desenvolve Latossolo Vermelho-Amarelo (LVAd3). Apresenta espessura de até 3 m e textura média.

O padrão litoestrutural condiciona os aspectos geomorfológicos e pedológicos ([MARTINS et al., 2002b](#); [REATTO et al., 2002](#)) e, obviamente, o comportamento hidrogeológico ([MARTINS et al., 2002a](#)).

Conclusões

- Foram descritas as unidades de mapeamento Quartzo sericita filito, Calcifilito, e Sedimento Aluvionar, em ordem decrescente de ocorrência;
- As unidades Quartzo sericita filito e Calcifilito pertencem ao Grupo Canastra, formadas no Neoproterozóico. Essas rochas metamórficas apresentam-se dobradas na forma de um domo anticlinal. O intemperismo químico age de forma diferencial no calcifilito, gerando Latossolos. Em contraposição, a ação do intemperismo sobre o filito é menor, gerando Cambissolos;
- O sedimento aluvionar está associado à deposição na planície aluvial do vale do São Bartolomeu;

- A organização litoestrutural condiciona os aspectos geomorfológicos e pedológicos e, obviamente, o comportamento hidrogeológico.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. F. M.; HASUI, Y. **O pré-cambriano do Brasil**. São Paulo: Edgard Blücher, 1984. 501 p.

BAPTISTA, G. M. de M. Caracterização climatológica do Distrito Federal. In: INVENTÁRIO hidrogeológico do Distrito Federal. Brasília: SEMATEC: IEMA: MMA-SRH, 1999. 1 CD-ROM.

CODEPLAN. **Atlas do Distrito Federal**. Brasília, 1984.

DARDENNE, M. A. Síntese sobre a estratigrafia do Grupo Bambuí no Brasil Central. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 30., 1978, Salvador, BA. **Anais...** Salvador: SBG, 1978. v. 2, p. 597-610.

EITEN, G. Vegetação do cerrado. In: PINTO, M. N. (Org.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. 2. ed. rev. ampl. Brasília: UnB: SEMATEC, 1994. p. 17-74.

EMBRAPA. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos. **Levantamento de reconhecimento dos solos do Distrito Federal**. Rio de Janeiro, 1978. 455 p. (Embrapa-SNLCS. Boletim Técnico, 53).

FARIA, A. **Estratigrafia e sistemas deposicionais do Grupo Paranoá nas áreas de Cristalina, Distrito Federal e São João D'Aliação - Alto Paraíso de Goiás**. 1995. 201 f. Tese (Doutorado em Geologia) - Universidade de Brasília, Brasília.

FREITAS-SILVA, F. H.; CAMPOS, J. E. G. Geologia do Distrito Federal. In: INVENTÁRIO hidrogeológico e dos recursos hídricos superficiais do Distrito Federal. Brasília: SEMATEC: IEMA: MMA-SRH, 1999. 1 CD-ROM.

FREITAS-SILVA, F. H.; CAMPOS, J. E. G. **Geologia do Parque Nacional de Brasília, escala 1:25.000**. [Brasília: s. n.], 1993. 57 p. Relatório final IG-UnB

FREITAS-SILVA, F. H.; DARDENNE, M. A. Proposta de subdivisão estratigráfica formal para o Grupo Canastra no oeste de Minas Gerais e leste de Goiás. In: SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO CENTRO-OESTE, 4., 1993, Brasília, DF. **Anais...** Brasília: SBG-DF, 1993. p. 164-165.

INVENTÁRIO hidrogeológico e dos recursos hídricos superficiais do Distrito Federal. Brasília: SEMATEC: IEMA, 1998. Relatório Técnico v. 3.

JUMA, N. G. **The pedosphere and its dynamics**: What is soil? pedosphere. 1999. Disponível em: <<http://www.pedosphere.com>> Acesso em: 12 dez. 2001.

MARINI, O. J.; FUCK, R. A.; DANI, J. C. A evolução geotectônica da faixa Brasília e do seu embasamento. In: SIMPÓSIO SOBRE O CRATON DO SÃO FRANCISCO E SUAS FAIXAS MARGINAIS, 1., 1981, Salvador, BA. **Anais...** Salvador: SBG, 1981. p. 100-113.

MARTINS, E. S. **Petrografia, mineralogia e geomorfologia de rególitos lateríticos do Distrito Federal**. 2000. 195 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília.

MARTINS, E. S.; REATTO, A.; CORREIA, J. R. Fatores ambientais que controlam as paisagens das Matas de Galeria no Bioma Cerrado: exemplos e hipóteses. In: RIBEIRO, J. F.; FONSECA, C. E. L. da; SOUSA-SILVA, J. C. (Org.). **Cerrado**: caracterização e recuperação de Matas de Galeria. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2001. p. 79-111.

MARTINS, E. S.; REATTO, A.; FARIAS, M. R. S.; SILVA, A. V.; BLOISE, G. L. F.; CARDOSO, E. A. **Domínios hidrogeológicos da margem direita do Córrego Divisa, Bacia do São Bartolomeu-DF, escala 1:10.000**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002a. (Embrapa Cerrados. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 68).

MARTINS, E. S.; REATTO, A.; FARIAS, M. R. S.; SILVA, A. V.; BLOISE, G. L. F.; CARDOSO, E. A. **Geomorfologia da margem direita do Córrego Divisa, Bacia do São Bartolomeu-DF, escala 1:10.000**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002b. (Embrapa Cerrados. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 59).

PIMENTEL, M. M.; HEAMAN, L.; FUCK, R. A. Idade do metarriolito da seqüência Maratá, Grupo Araxá, GO: estudo geocronológico pelos métodos U-Pb em zircão, Rb-Sr e Sm-Nd. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 64, p. 19-28, 1993.

PINTO, M. N. Caracterização geomorfológica do Distrito Federal. In: PINTO, M. N. (Org.). **Cerrado**: caracterização, ocupação e perspectivas. 2. ed. rev. ampl. Brasília: UnB: SEMATEC, 1994. p. 285-344.

REATTO, A.; MARTINS, E. S.; FARIAS, M. R. S.; SILVA, A. V.; BLOISE, G. L. F.; CARDOSO, E. A. **Levantamento detalhado de solos da margem direita do córrego Divisa, Bacia do Rio São Bartolomeu-DF, escala 1:10.000**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002. (Embrapa Cerrados. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 44).

VELDKAMP, A.; KOK, K.; KONING, G. H. J.; SCHOORL, J. M.; SONNEVELD, M. P. W.; VERBURG, P. H. Multi-scale approaches in agronomic research at landscape level. **Soil & Tillage Research**, Amsterdam, v. 58, n. 3/4, p. 129-140, 2001.